

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, SETEMBRO/2000- ANO IV - Nº 44

EDITORIAL

Diz um velho provérbio que “a pressa é inimiga da perfeição”. Afinal, o que poderemos considerar perfeito? Dentro do conjunto dos sentimentos religiosos, perfeito somente Deus. Obviamente, quanto mais aproximados estivermos da perfeição, melhor será, o que não impede que o menos perfeito seja inteiramente útil.

Todos sabemos do momento crítico que a cidade está vivendo: ansiedade, angústia, incerteza... Também não ignoramos – e aqui exaustivamente batemos na tecla do voto consciente – que a partir do mês vindouro já teremos novo prefeito e vereadores eleitos.

Não obstante, seja qual for o destino da IMBEL e quais nossas novas autoridades municipais, para Piquete somente um substantivo se faz premente: Pressa. A imprescindibilidade de uma ação legitimista a curto prazo impõe-se para alicerçar objetivos futuros. Há que se escolher, não aprioristicamente, mas sob concorde de todos os munícipes, uma prioridade imprescindível a ser atacada, para, numa ação conjunta, retirarmos esse fosco que não nos permite vislumbrar um porvir radiante. Urgência urgentíssima.

Essa pressa não recai apenas sobre os ombros das autoridades constituídas. Órgãos como SAP, Rotary, Igrejas, Associações, comércio etc., todos de mãos dadas com os habitantes do município, numa espécie de mutirão, responsabilizar-se-ão por concretizar a preferência admitida; sem discussões improfícuas, que a nada levam, mas com atos e ações definidas, cada um executando a parte que lhe couber. Seria, exageradamente dizendo, um “esforço de guerra”: o inimigo é comum a todos.

Se continuarmos esperando cho-ver progresso, se prosseguirmos nesse farisaísmo de apenas comentar e lamentar, sem dúvida sentiremos na consciência a mágoa, a dor de assistir uma cidade que se estertora moribunda, fenecer.

Para os acomodados, para os incrédulos, as palavras vitaminadas de Max Weber vêm bem a calhar: “Toda experiência histórica confirma esta verdade: o homem não teria alcançado o possível se, repetidas vezes, não tivesse tentado o impossível.”



“Independência ou Morte”, quadro de Pedro Américo. Acervo do Museu Paulista.

É hora de votar

As eleições são uma grande festa democrática precedida por debates, comícios, pessoas empunhando faixas e bandeiras de partidos, panfletos e muita paixão. Com elas, a cidadania é reafirmada pela prática do voto. Para tanto, é preciso que todos participem, votando com consciência e responsabilidade, isto é, sabendo por quê, para quê e em quem está votando, escolhendo um candidato afinado com os anseios da população e que se comprometa a lutar por ela. Nesse sentido, após elegê-lo, cobrar dele resultados; é assim que o voto traz benefícios. Muitos eleitores costumam dizer que votam apenas porque o voto é obrigatório, e que o voto não vai melhorar a sua vida. No fundo, o que os eleitores céticos não percebem é que não votar, anular o voto ou votar em branco significa ser passivo, esperar que os outros decidam o que vai acontecer em suas vidas. Esta passividade frente aos problemas do município, ficando à margem, assistindo, sem participar, é uma irresponsabilidade, porque deixamos que os outros façam bem ou mal o que todos deveriam estar fazendo juntos. Votar é o contrário dessa atitude. O exercício do voto ajuda as pessoas a se mobilizarem para exigir seus direitos constitucionalmente conquistados e que precisam ser transformados em ações concretas do Poder Público: direito à saúde, educação, cultura, meio ambiente ecologicamente

equilibrado, segurança etc. Mas a mobilização não substitui o voto. Eles se completam. É preciso que no dia a dia participemos das diversas ações que venham melhorar nossa comunidade e cobremos os compromissos assumidos pelos candidatos durante as campanhas eleitorais.

Neste 1º de outubro, quando elegermos prefeito e vereadores, devemos votar olhando para o nosso município e suas necessidades. É importante analisarmos como as coisas estão e como poderiam estar. O que pode ser feito quando os recursos são escassos e a comunidade depende de seus próprios pés para avançar, ou sucumbir. Se os candidatos que pleiteiam um desses cargos têm suas ações voltadas para a realização do bem comum, isto é o bem de todos. O bem comum opõe-se, portanto, ao egoísmo, aos interesses particulares, às ações que beneficiam apenas uns poucos em detrimento da maioria. É esperada nessas eleições uma maior vontade dos eleitos para que se empenhem em ações que transformem nossa cidade. A comunidade anseia por mudanças drásticas que dêem um rumo ao nosso município, na busca do desenvolvimento e crescimento, com qualidade de vida para todos.

Que o novo governo seja democrático e possa contar com a participação da comunidade em diversos projetos.

A hora é de votar. Que vençam os melhores!

Imagem - Memória



A chegada do trem a Piquete e a inauguração da Estação “Rodrigues Alves” e do Ramal Férreo Lorena - Bemfica, em 15 de setembro de 1906.

A Estação “Rodrigues Alves” e a chegada do trem a Piquete

*“Que tristeza que nós sentia.
Cada tauba que caía
doía no coração.”*

(Adoniram Barbosa – Saudosa Maloca)

A Estação Ferroviária “Rodrigues Alves” é um dos principais prédios do patrimônio histórico-arquitetônico de nossa cidade. Apesar do abandono em que se encontra, fruto do descaso, é um lugar de vida. Sua perda ultrapassaria muito o aspecto físico, na medida em que eliminaria ligações básicas para nossa comunidade. Faz parte do inconsciente do piquetense. Inaugurada a 15 de setembro de 1906, testemunhou a chegada do trem a Piquete. A partir de então, a ferrovia passou a estabelecer uma nova relação entre espaço e tempo, criando novos hábitos e provocando mudanças sociais, políticas e econômicas na pequena Vila. Com o trem chegavam as novidades, as esperanças, as alegrias. O símbolo maior passou a ser a Estação: lugar de encontros, chegadas, partidas e negócios. A cidade passou a gravitar ao seu redor. Visitantes ilustres nela desembarcavam e, através dela, vislumbrava-se a perspectiva de novos tempos. A economia piquetense corria pelos trilhos do ramal férreo Lorena – Bemfica.

Para a inauguração da Estação Rodrigues Alves e a chegada do trem, a Vila do Piquete se preparou com esmero: ao longo das poucas ruas e do ribeirão que a atravessa, viam-se linhas de bandeiras, galhardetes e arcos de folhagem ligados a postes, encimados por escudos. A população, desde cedo pelas ruas, exi-

bia suas melhores roupas, aguardando, num misto de curiosidade e medo, a chegada do trem de ferro. À 1h15min da tarde, tendo à frente a locomotiva “Floriano Peixoto” e como maquinista o Sr. Lorival Pinto Linhares, especialmente enviado da Central do Brasil para comboiar os dois carros de primeira classe, ele chegou.

Foguetes estrugiram no ar e foram levantados calorosos vivas aos Ministros da Guerra e Viação, à República, ao Exército etc. Grande massa popular recebeu o comboio. Desembarcaram o Ministro da Guerra e comitiva, sendo recebidos ao som do Hino Nacional executado pelas bandas do “Colégio Salesiano São Joaquim” e do “12º Batalhão de Infantaria”. Na estação, o Marechal Argollo, Ministro da Guerra, foi recebido pelas autoridades locais e senhoras da localidade. Cumprimentaram-no os Srs. Cel. José Mariano, Presidente do diretório político local, Cel. José Inocêncio Alvim Bittencourt, intendente, Ten. Cel. Augusto Maria Sisson, chefe da Comissão Construtora da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, Barão da Bocaina, Cap. Antonino Pereira da Rosa, Frederico T. M. Leite, Francisco Ribeiro, Cel. Luiz Relvas, Benevenuto Bittencourt, prof. Bento Lopes Chagas e muitos outros.

A população assistiu a um espetáculo imponente devido às fardas que desembarcaram. A estação lembrava uma praça de guerra, com seus oficiais indo e vindo, os galões de ouro cheios de brilho sob o sol.

A seguir, o Ministro e sua comitiva, aceitando um convite do Cel. José Mariano, di-

rigiram-se para sua residência, o Hotel das Palmeiras. Lá, em ambiente totalmente ornamentado, foi servida farta mesa de doces.

Retirando-se do Hotel, a comitiva retornou à Estação. Foi lida, então, a ata da inauguração pelo Cap. Lino Carneiro de Fontoura, ajudante da comissão construtora do ramal férreo, que foi assinada pelo Ministro Argolo e todos os presentes.

Símbolo de uma época, a Estação Rodrigues Alves encontra-se carcomida e abandonada, fruto da insensibilidade de nossos governantes, que, apesar de discursos de ocasião, não movem uma palha para salvá-la. Preservar esse edifício é de extrema importância, pois ele é parte integrante da alma de Piquete.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (0xx12) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete / SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Nelo Pelegrine

Cabelo e barba brancos como algodão, óculos de aros grossos que emolduram grandes e expressivos olhos azuis. Uma boina e, na mão, uma nobre bengala. Tem um estilo próprio que o destaca. É figura ímpar nas ruas de Piquete.

Nelo Pelegrine (com e no final, "... culpa do tabelião..."), piquetense de coração e por merecimento, reconhecido pela municipalidade: é Cidadão Honorário e possui a Ordem do Mérito Municipal. É portador, também, da Comenda de Cavaleiro da Ordem do Mérito Militar, a mais alta condecoração do Exército Brasileiro.

Nascido em Guaratinguetá, em 04 de janeiro de 1934, filho de Jacinto Pelegrini ("com i no final... é italiano...") e Maria Aparecida Galvão Pelegrine (de novo o tabelião...), Nelo Pelegrine veio para Piquete em 1942 – depois de passar por uma colônia de italianos próxima a Sorocaba, e por Lorena –, acompanhando o pai que iria trabalhar na F.P.V. Iniciou seus estudos em Guaratinguetá e os terminou em Piquete. Lembra-se, com carinho, da Escola Agrícola de Piquete, da qual foi um dos alunos fundadores, junto com os colegas "... dos quais lembro-me apenas dos apelidos..." Titã, Lamartine, Zé Coruja, Vavá...

Completo seus estudos com quase quarenta anos, na Escola Leonor Guimarães. "Fiz um excelente colegial. Tanto que ministrei aulas de Matemática para os companheiros operários, à noite. Para isso tive que fazer um curso de Matemática Profissionalizante, no SENAI." Seu trabalho na FPV se iniciou como aprendiz da Escola Agrícola e seguiu até a aposentadoria, em 1988.

Nelo casou-se com a profa. Wilma Costa, em 04-01-1959. São 41 anos de união que lhe deram 3 filhos e dois netos.

Pessoa culta, quando indagado sobre seu gosto pela Literatura, diz que "...minhas veleidades culturais vêm desde criança; sempre gostei de ler e escrever". Colaborou com vários jornais piquetenses. São conhecidos seus poemas e textos, que exalam lirismo e amor pela cidade e sua paisagem. Paisagem que ele cantou em verso e prosa quando compôs, em 1970, o hino vencedor de um concurso para escolha do Hino de Piquete. Sucumbindo à vaidade, orgulha-se de dizer que o júri era composto de ícones da cultura da região. Além do afago ao ego, "...recebi um bom prêmio em



dinheiro!". Fez parte, também, por muitos anos, do grupo "ARTE" - Artistas Reunidos do Teatro Experimental, com o qual apresentou várias peças.

Além das artes, Nelo sempre foi um amante dos esportes. Praticou natação e "hipismo caipira" (cavalgadas), mas o judô, iniciado numa colônia japonesa próxima da italiana em que vivia, é sua grande paixão. Fundou, junto com amigos, a Associação de Judô de Piquete, da qual foi o 1º Presidente e 1º técnico, e ficou a sua frente por vários anos até que passou o comando para o atual técnico. Enxadrista, foi campeão de Piquete e representou nossa cidade nos Jogos Abertos do Interior, em 1961, em São José do Rio Preto.

Nelo diz que "viveu profundamente a cidade de Piquete". Seu amor pela cidade e suas "montanhas muralhas de picos alados" fica claro quando se percebe a emoção ao falar que "...pisei todos os picos da cidade..." , junto dos filhos, por várias vezes e durante vários anos.

Hoje, já sem conseguir escrever e praticar esportes, continua enxergando Piquete de modo romântico e poético. "...Não consigo ver Piquete de maneira econômica ou política..."

Nelo Pelegrine é exemplo de amor e dedicação a Piquete, à sua história e cultura, que deve ser seguido.

Dois momentos de Nelo Pelegrine na peça "Pluft, o fantasminha", de Maria Clara Machado, representada pelo Grupo ARTE, no Cine Estrela do Norte, em Piquete. Foto de 23-12-1961.



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Carta a Piquete

Tu estavas no jornal. Pequena fotografia em preto e branco e uma triste notícia. Teu retrato estampava a solidão e o abandono conscientes e implacáveis a que te condenaram por tanto tempo.

O abandono em que te encontras, sem esperança e sem consolo, dói demais. Fere-me os olhos a tua imagem; sangra-me o coração o motivo da notícia.

Estação desativada já eras fazia muito tempo. Agora, no entanto, completamente abandonada estás. Abandonada de recursos para ficares em pé, sinto-te murchar feito uma planta que não recebe os cuidados necessários para seguir em frente.

Além do abandono físico, estás solitária de teus filhos, que na batalha pela sobrevivência e realização pessoal, trocaram-te pelo cheiro de óleo e barulho de máquinas. Foi preciso.

Hoje, ainda és mãe de muitos filhos, mas não os tem a todos apesar do carinho enorme que sentem por ti. Nós vivemos no longe e na saudade, olhando-te a distância, mas querendo-te forte e materna para nos acolher.

Só que agora, mais uma vez, estás aflita, frágil, despreparada para proteger e consolar tua própria gente que aí ficou, na esperança de conseguir bons frutos e futuro certo.

Anos após anos, a doença do abandono te corrói, te consome, sabemos disso, mas tu continuas exposta ao que te mutila. Choras e padeces por teus filhos tão sacrificados e ficas a perguntar até quando? Por que tanto?

Sem respostas, sem consolo, sem saída, ficaste mesmo entre a estrada que leva embora tuas crias e a montanha que te cerca e te emoldura, criando uma paisagem de sonhos. Mas a paisagem somente não consegue trazer-te alento e soluções.

Terra mãe, quero chuva de bênçãos sobre teu solo, sobre teus campos, sobre teus filhos. Quero ver-te desabrochar novamente para a vida e assim fazer jorrar seiva nova por tuas veias. Teus filhos se revitalizarão com ela. Somente assim serás outra vez a "Cidade Paisagem", paisagem cidade viva.

Deus te presenteou com a natureza gloriosa que te cerca e te emoldural. Que os homens que te governam façam justiça a essa maravilha, injetando em teu seio o progresso e o impulso de que necessitas para seguires adiante, com fortaleza e esperança.

Eunice Ferreira

É possível enganar todo o povo por um tempo. É possível enganar parte do povo todo tempo. Mas é impossível enganar todo o povo todo tempo.

Abraham Lincoln

Memorial dos Moradores de Piquete - 7

Augusto, o homem e sua lição de vida



Foto arquivo Pro-Memória

“Jazz Band” formada por operários da Fábrica Presidente Vargas. Ao fundo, com o seu banjo, o Sr. Joaquim Augusto. Foto da década de 40.

Um piquetense histórico

Augusto, 90 anos, nascido a 9 de setembro de 1910, é um piquetense, sempre morador na cidade, que traz na memória privilegiada e na retina rutilante a série das ocorrências, através do século, deste local onde criou raízes e as fez fortes.

Teve como pais dona Maria Engrácia e seu Aristides César. O nome de seu pai é encontrado numa das ruas da Raia. Esta estende-se desde a atual Praça 15 de Junho, antigo Largo da Cadeia, até o fundo do vale do Ribeirão Piquete. A Aristides César é uma das mais antigas ruas da cidade, e na Raia, uma das artérias básicas do plano urbano.

As necessidades de sua mãe levaram-no a ser criado no Bairro do Itabaquara, onde aprendeu as atividades da lavoura e da pecuária. Trabalhou e estudou, segundo ele, na escola de Dona Ernestina, professora que recorda vivamente.

Aos 17 anos empregou-se na Fábrica de Pólvoras. Era o ano de 1927. No aprendizado dos serviços dedicou-se à eletricidade e foi, na função de eletricitista que se manteve em atividade, especializando-se nas áreas da alta tensão e da instalação e manutenção de aparelhos de refrigeração. Executava também, para particulares, instalações elétricas domésticas. Curioso e atento, especializava-se no seu labor.

Casou-se com dona Albertina Augusto, que faleceu a 17-03-84, aos 69 anos, também nascida em Piquete, no ano de 1915.

O casal teve sete filhos – Leônidas, Dulce, Isaías, Maria Aparecida, Lourdes, Luiz e Maria Auxiliadora. A família hoje está acrescida de sete netos e uma bisneta.

Augusto teve mais dois irmãos: Benedito César e José César, e uma irmã, Maria José (Maninha César).

O músico totalmente dedicado

Pertencente, como músico aplicado, à Banda da cidade, passou depois a participar da que foi constituída pela Fábrica. Estudava música com interesse e dedicação, pois o maestro era exigente e estimulava a aprendizagem. Os instrumentos que a Fábrica fornecia eram de boa qualidade, pois os diretores apreciavam a realização das paradas militares e os requintes da boa apresentação. Os desfiles marciais e as retretas eram cartões de apresentação do estabelecimento fabril.

Augusto foi homem de vários instrumentos: trombone, bateria, prato e outros. Mas sua grande realização foi ter um banjo e tocá-lo à perfeição. Guarda-o carinhosamente até hoje. Mostra-o, emocionado.

Participava do jazz-band da Fábrica e executava todas as peças do “traditional jazz” ao lado de um conjunto, sempre afinado e competente, ao qual não faltava o cantor Elói, que aprendia as letras ouvindo os discos das clássicas e afamadas peças da composição jazzística. Era a década de 40, dos grandes nomes da música americana, contemporâneos da Segunda Guerra Mundial e herdeiros das tradições dos negros do sul dos Estados Unidos ligados aos cultivos do algodão. Muitas peças musicais originaram-se dos cantos de trabalho e “spirituals” religiosos.

A banda e o conjunto de jazz eram convocados em contratos para as festas em toda a extensão valeparaibana, incluindo, além do setor paulista, o fluminense e o sul-mineiro. Os êxitos das execuções aprimoradas rendiam elogios formais nos Boletins da Fábrica, fontes das promoções e das melhorias salariais, além do respeito dos colegas e chefes.

Nesse período não houve bom músico

que não fosse aproveitado, nem esmorecimento dos executantes por brilhar nas apresentações. O uniforme, impecável, de gala, dava-lhes a aparência distinguida e imponente a granjear respeitos e a chamar espectadores. A banda abrilhantava também as procissões e se fazia presente nos enterros cerimoniais e encontros cívicos relevantes.

A privilegiada memória de Augusto

Augusto gosta de lembrar-se de todos os eventos: das festas de Maio, das procissões importantes, dos bailes, dos saraus em casas de amigos e conhecidos, das quermesses, dos jogos de futebol em campeonatos regionais disputadíssimos e do Carnaval, em que a música era presença marcante e obrigatória.

Sua voz revela especial emoção ao citar as serenatas de amor, companheirismo e homenagens. Nestas, e nas festas domiciliares, tocava, além de instrumentos de sopro, as cordas do cavaquinho, do violão e do apaixonante banjo. Conta que fez serenata para o Cel. Aquino (Waldemar Brito de Aquino) e família, e que este, no meio da noite, saiu à janela para saudar e agradecer.

Diz-me que chegou a gravar um disco, sob patrocínio da Fábrica, ao lado de Pedrinho Mota no acordeão, José Portela na bateria, e ele próprio no violão.

Mas Augusto também era cantor, e nas serenatas entoava lindas melodias em acompanhamento ao músico da clarineta, Henrique Masiero, seu amigo dileto. E eram lindas valsas românticas a saborear os momentos tranqüilos.

Dessa forma, tocando ou cantando, Augusto e seus companheiros varavam as noites e iam até o sol raiar. Nos términos antecipados das festas familiares o samba canção “Até amanhã se Deus quiser” formalizava o final, mas as reclamações de todos os lados exigiam prolongamentos e novos números de apresentação. A variedade do repertório garantia, por fim, agrado geral.

Finalizando suas referências memorialísticas, Augusto cita os personagens emblemáticos que povoaram e povoam suas referências: Conceiçãozinha e Amaro, ilustres jongueiros, amigos do bairro da Raia, Henrique Masiero e Caxixa, amigos de sempre e bons músicos, a esposa dedicada, os familiares, a associação dos Congregados Marianos, da qual fazia parte, e a multidão de amigos e companheiros de trabalho. Nosso entrevistado possui muitos admiradores em Piquete e adjacências.

Na pele acetinada e sem rugas, os olhos de Augusto, protegidos por óculos de grossas lentes, são dois faróis luminosos a indicar nossos caminhos.

Entrevista realizada em julho de 1999.

Dóli de Castro Ferreira

Um grilinho....

Marúscia da Silva

Não existe inconveniente em ser criança; as facilidades são tantas que, se pudéssemos, continuaríamos assim. Porém, constrangedor é quando adultos, por algum motivo contrariado na infância, insistem em realizar seus sonhos através de nossa pessoa.

Era carnaval. A folia embalada com marchinhas, confetes e serpentinas. A animação era geral, meus irmãos entusiasmados, o tradicional boi sendo confeccionado e as primas vindo de São Paulo. Eram quatro garotas bonitas, animadas e modernas. Tia Ruth, a mãe das meninas, meiga e sorridente, sempre acatava as decisões do grupo barulhento e jovial.

Mas naquele ano as coisas prometiam mudar, para pior, não para as primas, mas para mim.

O que eu gostava mesmo não era do Carnaval em si, mas do clima que envolvia a cidade, as pessoas. Quase não participava das matinês, gostava mesmo de sentar-me nos bancos da pracinha com meus pais e tias. Me deliciar com picolés de coco queimado que nem mesmo a tecnologia de hoje consegue igualar.

Tinha também o amarelíssimo e hipnótico picolé de laranja, que agradava não pelo sabor, mas pela cor intensa, ganhando assim a preferência da criançada. E lá na pracinha passávamos toda a tarde, entre piratas, bailarinas e ciganinhas que transitavam entre os canteiros.

E então o que parecia ser mais um carnaval agradável se resumiu numa fantasia. E pasmem! De grilo.

Meu Deus! De onde minhas primas tiraram essa idéia, essa coisa que chamavam de fantasia? Prima Margarete, o exemplo de beleza e alegria da família, com seus desenvolvidos dezoito anos, é que me apresentou ao “dispendangue” esverdeado. Usando todo seu charme e carisma paulistano, tentava me convencer que ficaria um docinho dentro daquilo.

A idéia da roupa era da tia Ruth, mas Margarete se incumbiu de cuidar dos detalhes. Eu, relutante, dizia à minha mãe que não iria vestir aquele treco. E minha mãe dizia que não devia contrariar as primas, que

bondosamente se preocupavam comigo.

Então chegou o tão esperado domingo. A fantasia exposta sobre a cama esperava calmamente pelo recheio. E eu, no auge dos sete anos, era perfeita para usá-la. A fantasia consistia de uma meia-calça grossa e verde, um fraque também verde e uma horrível touca com duas sombrias antenas que desafiavam a lei da gravidade.

Margarete me vestiu cuidadosamente; em seguida, abriu uma bolsinha de cosméticos e se empenhou na arte da maquiagem. O tecido me provocava coceira, mas ela não permitia um movimento que aliviasse aquele tormento.

Finalmente a maquiagem ficou pronta e ela iniciou a tarefa de guardar os vidrinhos, potinhos e pincéis. Sentada à beira da cama, aguardava o próximo passo, que certamente seria a superfície reveladora de um espelho.

O que vi foram pernas, braços e olhos no mesmo tom de verde. De repente, parece que toda a família irrompeu quarto adentro. E risinhos eram ouvidos antes dos elogios. Nada era mais ridículo que aquela criaturinha.

Na garganta o nó crescia a ponto de quase sufocar-me. Que tristeza!

Resolveram, então, que a hora havia chegado, e lá fomos nós. Quer dizer, eles e a criaturinha.

Na praça tudo parecia como nos anos anteriores: as pessoas, a música, o movimento e os vendedores de picolés. Ao se cruzarem conosco, as pessoas olhavam curiosas, tentando decifrar a origem do estranho inseto. Que vergonha!

Entramos no salão e as crianças que farreavam entre a colorida chuva de confetes pararam e pousaram os olhos sobre mim. Não suportei. Comecei com um choro manso, que se transformou em soluços sentidos.

Gentilmente, papai me pegou nos braços, acarinhou meu rosto e sugeriu um picolé.

Sentadinha na grama da praça, com um picolé de coco queimado a refrescar-me o orgulho ferido, parecia mesmo um grilinho. Um grilinho silencioso, perdido por entre a grama e feliz pelo anonimato.

Quando Setembro chegar...

Quando setembro chegar...

A primavera estará em mim.
Quero extasiar-me com o esplendor do céu.
Celebrar o pôr-do-sol e o surgir da aurora.
Contemplar a cascata descendo como um /véu.

Quando setembro chegar...

Quero deliciar-me com a beleza colorida
Das borboletas povoando os sonhos /meus.
Cantar com o cantar dos pássaros em festa.
Sentir o verde refrescante da floresta.

Quando setembro chegar...

Quero ver a chuva cair fecundando o chão,
Fazendo brotar flores ao meu redor,
E perceber que há vidas tão carentes
De amor, e que o amor é sempre o bem /maior.

Quando setembro chegar...

Quero, na poesia, transformar a angústia
Em harmonia impregnada de beleza e cor
Espalhar esperança e risos de alegria
Em rostos tristes com feições de dor.

Quando setembro chegar...

Quero cantar hosanas ao nosso padroeiro,
No reencontro com amigos meus.
Em frêmitos de festa e vãos de saudade,
Quero, com fé ardente e prece fervorosa,
Pedir a São Miguel que guarde esta cidade.

Quando setembro chegar...

Eunice Fernandes

Labirintos

Teus pêlos
São labirintos
Sem saída
Para meus dedos
Famintos,
Ávidos de vida,
E minhas mãos acesas!

Myrthes Mazza Masiero

Entrega

Antes que me ganhes
E eu me entregue
Arfante,
Vencida,
Minha paixão já explode borbulhante
Como garrafa de champagne,
Na hora de servir
E ser servida!

Myrthes Mazza Masiero



A FCR saúda a comunidade católica piquetense, na data de seu excelso padroeiro - São Miguel Arcanjo - a ser comemorada no dia 29 de setembro.

Próxima parada: Estação abandono



Foto arquivo Pro-Memória

Estação Ferroviária "Rodrigues Alves", inaugurada em 15 de setembro de 1906 - o retrato do abandono.

Os olhos que hoje a vêem, tão desfigurada, prestes a deitar por terra sua frágil e alquebrada estrutura, pronta para desmoronar ao mais leve movimento circundante, não podem, não conseguem acreditar que a vida para ela acabou.

Justamente ela, que trouxe vida e vento de progresso para uma comunidade inteira, que contribuiu para que a existência de todo um povo mudasse e se projetasse a partir da possibilidade de crescimento.

Foi palco de muitos encontros e partidas, foi ponto de entrega e recebimento de coisas materiais que possibilitavam um viver mais ágil, mais próximo dos acontecimentos que transformavam.

Chamada no seu nascimento de Ramal Férreo Lorena - Bemfica (com "m"), a nossa Estação continua de pé sustentada por um fio apenas - o da esperança, já que agora está transformada num amontoado de ruínas.

Hoje o desrespeito tomou conta de suas dependências, em suas combalidas paredes foram estampadas as marcas e os grafites da decadência. Tornou-se um lugar sujo, depósito de lixo que enfeia a mesma paisagem que antes embelezava.

Sorte teve sua irmã, a Estrela do Norte, nascida sob o mesmo signo da busca pela prosperidade, tão nobre e útil quanto

ela, mas que ficou em outras mãos que a protegeram e a conservaram. Está tão bela que dá aos olhos e ao espírito prazer na contemplação e no estar nela.

A irmã pobre do sul, a chamada Ramal Férreo de antigamente, não teve a mesma sorte, não recebeu o mesmo tratamento das mãos que deveriam conservá-la. Ao contrário, por meios e caminhos tortos, insensíveis e sem compromisso algum com a cultura e o patrimônio de um povo, essas mãos tiveram até mesmo coragem de vendê-la, como se fosse possível ou aceitável negociar parte da identidade de sua gente.

Será possível que tal destruição e des-caso com nossa Estação incomodem e sensibilizem apenas os chamados saudosistas e sonhadores que gostariam de ver preservadas as belezas de nossa terra? Será que as mãos que têm o poder, que governam, são incapazes de modificar o cenário triste que hoje se vê?

No seu aniversário, ela certamente gostaria de receber atenção, carinho, respeito por tudo que já representou e se transformar em monumento de beleza e civilidade, tal como sua irmã, e assim deixar de ser, como hoje é, apenas fragmentos de lembranças, de vida e de uma época não muito distante. Deixar de ser, por fim, apenas uma Estação chamada Abandono. **Eunice Ferreira**

Estação Ferroviária "Estrela do Norte" - sensibilidade na preservação.



Foto arquivo Pro-Memória

Crônicas Pitorescas

Lendas

Palmyro Masiero

Quando lançamos o jornal "A Cidade", em 1º de maio de 1959, uma das seções fixas do hebdomadário era "Retalhos do Passado". Pretendíamos contar fatos históricos da vida piquetense, do seu cotidiano já adormecido. Isso nos obrigou, por falta ou ignorância de fontes de consultas e pesquisas, a procurar pessoas idosas e de raízes nossas para falar sobre "seu tempo". Da minha parte, ouvi muita gente da genealogia da cidade e vou contar-lhes o que me disseram sobre nosso arcanjo protetor. Invariavelmente, começavam: "... diziam os mais antigos...". Antigos deles, que já eram antigos.

Uma delas é a de que vários portugueses da Ilha de São Miguel vieram para a Vila de Lorena e lá se instalaram. Que um deles, formando fazenda perto do arraial que nascia, em homenagem ao protetor de sua distante ilha além-mar, batizou o lugar com o nome do arcanjo. Fomos em busca de alguma coisa que pudesse justificar tal informação e, realmente, no Livro do Tombo de Lorena "começam a aparecer, com impressionante frequência, referências a André Lopes da Silva, a Ilha de São Miguel", como lemos no livro Gens Lorenensis, de Gama Rodrigues. Consideramos uma tremenda forçada de barra.

Outra, mais ouvida, foi a de que um índio já civilizado e cristianizado, chamado Miguel, aonde ia levava uma imagem do anjo. Que em nosso povoado nascente chegando, armou uma pequena e tosca ermida onde colocou a imagem... Tendo aqui permanecido até sua morte, tomou o lugar o nome de arraial de São Miguel.

Vibramos com a fantasiosa história. Aí, emprestaram-nos um livro intitulado Folklore dos Bandeirantes, de Joaquim Ribeiro e lá fomos encontrar, extraído de outro livro, Roteiro dos Sete Capitães, escrito em 1564 por Miguel Ayres Maldonado, o seguinte, tratando sobre a construção de currais: "...o segundo foi levantado no dia 10 do mesmo mês e ano, na ponta do cabo de S. Tomé, pelo capitão Ricardo que, dias depois, e a pouca distância deste, armou outro, deixando em cada um deles cinco novilhas e um touro; naquele ficou como Curraleiro o escravo Antônio Dias e neste o índio Miguel, o qual, tendo trazido consigo um santo de seu nome, ali ergueu um tosco oratório.

Diante disso concordamos que em tempo transato, alguém deve ter lido algum desses livros e deu início à patranha.

Finalmente, uma última, que logo descartamos, foi a de que certa macróbia ofereceu uma imagem de São Miguel à pequenina capela que levantavam à época, daí advindo o nome do Arraial.

O fato é que na coluna "Retalhos do Passado" nada disso foi publicado, pois tais notícias nos transformariam em Pinóquio.

Turismo sustentado: gerador de renda e empregos



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Monumentos Arquitetônicos de Piquete: da esquerda para a direita: Pórtico da F.P.V., Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves, inaugurada em 1906, e antigo torreão de energia da Vila da Estrela.

O turismo está sendo mote de todos os candidatos a cargo eletivo nesta campanha eleitoral que antecede ao pleito de 1º de outubro. Nossos futuros governantes, os primeiros do próximo milênio, são aguardados com grande expectativa pela comunidade piquetense, que depositará nas urnas os sonhos e as esperanças de um futuro promissor para o município.

O turismo é a indústria que mais cresce e gera divisas no mundo. A Organização Mundial do Turismo prevê para as próximas décadas uma explosão desta atividade. Os povos têm viajado, cada vez mais, tanto dentro do próprio país como para o exterior. Esse movimento já é observado também aqui no Brasil.

Nossas potencialidades turísticas são inúmeras. Além das belezas naturais e culturais, o brasileiro está descobrindo o interior do nosso país e as suas diversidades regionais.

Piquete sonha com o turismo há muito tempo. Desde sua emancipação, no final do século passado, sua paisagem, clima e a vida bucólica no campo atraíam pessoas do Vale e de outras regiões.

No entanto, para que o município atraia turistas é preciso muito mais do que belezas naturais e um rico passado histórico. É preciso planejamento. Só com um plano de governo que conte com a participação da comunidade e que tenha o turismo sustentado é que daremos “start” que determinará as ações que levarão Piquete rumo ao futuro. É necessário considerar, no entanto, se há “vontade política” das nossas lideranças, com o envolvimento comunitário nos desafios que surgem com o planejamento voltado para o turismo. É preciso fortalecer o COMTUR, que deverá fazer a ligação entre a comunidade e o Executivo, discutindo prioridades e metas que venham adaptar a cidade para receber visitantes. Assim, nossos governantes deverão encarar problemas básicos inaceitáveis em qualquer comunidade desenvolvida, sem o quê, ao invés de atrair visitantes, acabam por expulsá-los. Dessa forma, o saneamento básico, que há décadas vem sendo colocado em segundo plano, precisa ser solucionado. É imperioso que se enfrente o problema do esgoto em nossa cidade, que ao longo dos anos vem sendo

lançado “in natura” no ribeirão Benfica, asfixiando-o. Sucessivas administrações mostraram-se incompetentes para solucionar a questão. Qual turista vai sentar-se próximo a nossos rios e respirar o irrespirável? O mau cheiro espanta qualquer visitante. Por outro lado, é uma vergonha para a cidade expor suas entranhas a céu aberto.

Deverão ser também priorizadas, as questões referentes às nossas encostas, em risco iminente de desmoronamento e soterramento no período das chuvas, sem que um plano de arborização seja proposto.

O destino do lixo deverá ser racionalmente discutido e solucionado.

Enfim, são várias as frentes a ser atacadas. Só um governo criativo, democrático, que conte com o respaldo popular, é que poderá resolver todos os entraves que deverão surgir.

É preciso que após os quatro anos de administração, a cidade tenha adquirido uma nova cara e rumo, e que mudanças consistentes tenham ocorrido. Que as propostas de campanha sejam concretizadas e o novo milênio que se inicia chegue com desenvolvimento para Piquete. **AC**

Queda d’á gua no Ribeirão Passa-Quatro.



Foto arquivo Pro-Memória

Vista parcial da cidade de Piquete.

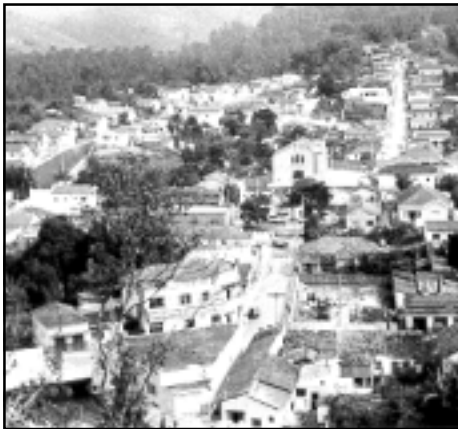


Foto arquivo Pro-Memória

Vista do Pico dos Marins, com 2421m de altura.



Foto arquivo Pro-Memória

Identidade Cultural



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória

A antiga matriz de São Miguel, atual Santuário das Almas. Construída no século passado, é o mais antigo e expressivo símbolo de trabalho comunitário em nossa cidade.

Setembro é para a memória histórico-cultural de Piquete um mês dos mais significativos, pois evoca duas importantes datas: a do padroeiro São Miguel Arcanjo, comemorada dia 29, e a da chegada do progresso a Piquete, com o trem, em 1906.

Dois edifícios de valor histórico-arquitetônico simbolizam estas datas: a antiga capela, construída sob a invocação de São Miguel, no século passado, e referência máxima dos piquetenses, e a Estação Ferroviária “Rodrigues Alves”.

A salvaguarda destes dois importantes monumentos, símbolos de nossa cultura, se faz necessária e imperiosa por todos os piquetenses. Para

isto, a necessidade de se resgatar, conhecer e valorizar a importância destes patrimônios históricos, frutos da criação de nossos antepassados. A afirmação de nossa identidades cultural é inseparável do valor que atribuímos ao nosso patrimônio. Este valor vem do conhecimento, da compreensão que temos de cada prédio, de cada obra, de cada manifestação existente na comunidade. Assim fazendo, estaremos nos redescobrimos a cada dia e impedindo que se destrua o patrimônio cultural de nossa comunidade.

É preciso progredir sem ferir um passado de conquistas.



Foto arquivo Pro-Memória

Igreja Matriz de São Miguel Arcanjo, obra do arquiteto Prometheu da Silveira, em Piquete.

Notas da Cidade

□ A associação formada para fomentar o turismo em Piquete promoveu, no dia 27 de agosto, na Fazenda do Nhô, um “Café na Roça”. O evento contou com a presença de várias pessoas e foi um sucesso. Parabéns à organização.

□ O Rotary Club de Piquete promoveu, no dia 30 de agosto, uma palestra na sede da Casa da Amizade, proferida pelo Comandante do Batalhão de Polícia Florestal de Cruzeiro, Ten. Felipe Neri, cujo tema “Meio-Ambiente e nossa cidade” agradou a todos os presentes.

□ O desfile cívico do dia 7 de Setembro, na Praça Duque de Caxias, contou com a presença de alunos das escolas do município, autoridades e representantes de entidades, além de significativa parcela da população.

□ Um dos pontos altos do desfile de 7 de Setembro foi a apresentação da Banda Marcial “Silva Moreno”, que fez evoluções e executou inúmeras peças, entre elas o Hino da Independência. Mais uma vez o grupo coordenado pela D. Belzinha brilhou em um evento em nossa cidade. Parabéns!

As Cidades e sua qualidade de vida

Dando continuidade à matéria dos dois últimos meses, estaremos apresentando as conclusões do terceiro e último painel do seminário sobre a Qualidade de Vida nas cidades, realizado em fevereiro deste ano na FAENQUIL. Basicamente, as conclusões apontam pela necessidade de levar à população informações sobre preocupação com o meio ambiente, abrangendo direitos e deveres. Acreditamos que o ponto máximo dessas conclusões é despertar no cidadão o seu poder de influir nas políticas públicas que visam à melhoria da qualidade de vida no município. E o melhor caminho pode ser o da comunidade se organizar em Sociedades de Amigos de Bairros.

PAINEL

A ingerência dos cidadãos

1 - É necessário difundir as tecnologias avançadas e o desenvolvimento sustentável, de forma a alcançar toda a população.

2 - A tecnologia do Lixo, por exemplo, pode mudar o comportamento humano, levando a população a produzir menos lixo.

3 - As cidades vizinhas, notadamente os pequenos municípios, devem estudar em conjunto a solução de seus problemas ambientais, ouvindo-se a vontade dominante na sociedade.

4 - Os cidadãos precisam ser informados dos seus direitos e das suas obrigações em relação à qualidade de vida.

5 - É preciso conscientizar os cidadãos de que têm eles a capacidade de influir nas políticas públicas que visam à melhoria da qualidade de vida e de que devem exercer com o maior empenho essa função social.

CC

Comunicado

1- O Cartório da 337ª Zona Eleitoral de Piquete estará de plantão aos sábados e domingos, no horário das 12h às 18h, no período de 08-07 a 30-09-2000, para entrega dos títulos aos eleitores.

2 - A Urna Eletrônica se encontra à disposição no Cartório Eleitoral para treinamento dos eleitores. Venham conhecê-la.

Katia Margarido Barroso
Juíza Eleitoral

“Falta de oposição é fenômeno grave, porque nunca se sabe o que vai surgir. Se não há contestação, cruzam-se os braços e aceita-se o fato consumado, que, muitas vezes, no íntimo se repele.”

Barbosa Lima Sobrinho